



CASTELLO DE BEAUFORT.

O castello de Beaufort, no grã-ducado de Luxembourg, era antigamente uma das mais vastas e importantes habitações feudaes da Belgica. Hoje ainda as suas pittorescas ruinas dão elevada idéa da antiga magnificencia. Ignora-se a epoca da sua primeira construcção, que deve remontar ao seculo decimo-terceiro. Ao lado d'estas ruinas eleva-se um castello moderno que data do decimo-setimo. Deve a fundação ao general Beck, que, saído das classes mais inferiores da sociedade, chegou, unicamente por seu merecimento, aos cargos de barão, marechal de campo dos exercitos imperiaes, e governador do ducado de Luxembourg e do condado de Chiny. O illustre guerreiro morreu em Arras, em 1648, das feridas que recebera na batalha de Lens.

A destruição do castello de Beaufort é de recente data. Era ainda uma praça forte importante no seculo decimo-setimo, e até 1820 a maior parte das casas conservaram o telhado.

A familia Beaufort deu um grã-mestre á ordem Teutonica, e muitos senescaes e governadores á provincia. Em 1593, a terra de Beauford, que formava um dos quatro condados do Luxembourg, foi confiscada por Philippe II pelo crime de traição.

Tendo o senhor de Beaufort, em 1590, tomado parte na rebelião do principe Mauricio de Nassau, foi degolado: seus bens, dados a Pedro Ernesto, conde de Mansfeldt, passaram por successão á casa de Bois-Moulin, que os vendeu ao barão de Beck por 60000 florins. O conde

SETEMBRO, 19, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

de Briey de Claireau comprou-os aos herdeiros do general. Mais tarde, pertenceram ao barão de Tornaco, que deu por elles 80000 florins. O condado de Beaufort pertence hoje ao conde de Liedekerke, antigo marechal do palacio de Guilherme I. rei dos Paizes-Baixos.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIV

A SE — O CONVENTO DOS CAETANOS — O POETA
BOCAGE.

8 de Novembro de 1787.

Verdeil e eu ralhavamos das calçadas desconjuntadas indo esta manhã no meu coche tosco de viagem com o objecto de fazer exercício: o pretexto da nossa digressão era vermos uma notavel capella embutida de jaspe e lapis-lazuli na egreja de S. Roque; mas, quando chegámos celebravam-se tres ou quatro missas, e não havia uma creatura assaz desoocupada para correr a cortina que cobre o altar, de maneira que voltámos com cara de parvos.

Não tendo ainda visto a cathedral, ou egreja da sé, como lhe chamam em Lisboa, nos encaminhámos para aquelle bairro. É um edificio de dimensões nada maravilhosas, estreito e sombrio, sem comtudo ser respeitavel. O terremoto reduziu a pó as suas magnificencias, se é que as teve, e tão espantosamente despedaçou as capellas de que está incrustado, que mui tenues vestigios se podem perceber de terem feito parte de uma mesquita.

Postoque não fosse movido de esperança de grandes coisas, apesar das descripções das viagens e obras topographicas, que como os livros do pariato e de linhagens tem affectuosa inclinação para figurarem ser alguma coisa o que na realidade está mui proximo do nada, indaguei, segundo faz o viajante diligente, pinturas e ornatos de altares, e os tumulos, e não posso blazonar de descoberta alguma. Certo, não despenderiamos muito tempo com o que por ali havia; mas, os padres e sachristães pegaram de nós insistindo que de novo examinássemos o recanto do vão de uma escada, onde estão para se beijarem e venerarem os signaes dos dedos de Santo Antonio. Parece que o Santo vendo-se apertado pelo pae da mentira e origem do mal, por outra o petro Satanaz, gravou o signal da cruz n'uma parede do mais duro marmore, e assim poz ponto á tentação. Uma pequena pintura mui agradavel fica por cima da cruz milagrosa e memora a tradição.

Tudo isto era assombroso; porem, nada em comparação com algumas historias relativas a certos corvos sagrados. — «Existem os mesmos

passaros», disse um sachristão. — «O que! (retruquei-lhe) os proprios que acompanharam S. Vicente?» — «Exactamente não, (foi a resposta segredada ao ouvido) mas os seus immediatos descendentes.» — «Muito bem (lhe disse); ainda n'esta tarde, querendo Deus, virei fazer-lhe os meus cumprimentos e em boa companhia: por agora, adeus.»

O ponto onde em seguida nos dirigimos foi o convento dos theatinos. Demos uma vista d'olhos á livraria, que ainda jaz na mesma confusão em que a deixou o terremoto, metade dos livros tombados uns sobre os outros em montões pulverulentos. Um frade esperto e activo, que me disseram ter escripto uma historia da Casa de Bragança ainda não impressa, guiou os nossos passos n'este cahos de litteratura, e depois de procurar meia hora algumas viagens curiosas que desejava mostrar-nos, levou-nos á sua cella, e chamou a nossa attenção para um gabinete de medalhas que com sua diligencia e alguma despeza havia colligido.

Não sentindo em mim vocação para investigações numismaticas, deixei Verdeil com o frade abarbados com algumas legendas duvidosas, e fui recrutar de improviso quem me acompanhasse a ver os corvos sagrados. Encontrei primeiro o abbade Xavier, depois o famoso missionario prégador da Boa-Morte, logo o grão-prior, e por ultimo o marquez de Marialva; D. Pedro pediu que não o deixassem ficar de fóra, de maneira que fomos com o coche todo cheio, e eu conduzi toda a carrada a jantar em minha casa. Verdeil já estava de volta acompanhado do reverendo antiquario das medalhas, e tambem tinha arrebanhado o governador de Goa, D. Frederico de Sousa Calhariz, e o seu constante companheiro, um fanfarrão saboyano ou piemontez, por nome Lucatelli, e tambem um mancebo pallido, de compleição fraca, de olhar e modos eccentricos, o sr. Manuel Maria, a mais fóra do commum, mas talvez a mais original das creaturas poeticas formadas por Deus. Succedeu achar-se n'uma d'aquellas disposições de espirito, de entusiasmo e de exaltação, que á similhaça do sol no pino do inverno brilham quando menos se espera; milhares de ditos agudos, de expansões de alegria zombeteira, de repentes satyricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andavamos a tombos com riso; mas, quando começou a recitar algumas de suas composições, nas quaes a profundeza do pensamento se mistura com os rasgos mais patheticos, senti-me abalado, commovido. Em verdade pode dizer-se que este character extravagante e versatil possui a verdadeira varinha de condão, com que, a seu belprazer, anima ou petrifica.

Percebendo o quanto me attrahia, disse-me: — «Não esperava que um cavalheiro inglez se dignasse prestar alguma attenção a um verzejador moço, obscuro, e moderno. Vós outros julgaes que não temos outro poeta senão o Camões, e que o Camões não escreveu coisa digna de

memoria senão os *Lusiadas*; e tem um soneto que vale metade dos *Lusiadas*. Nenhuma imagem da belleza campestre escapou ao nosso divino poeta; e quão sensivelmente se transportam da paizagem para o coração! Que encantadora melancolia, como os derradeiros raios do sol no occaso, se diffunde em toda aquella composição! Se eu valho alguma coisa, fez-me este soneto o que sou; mas que sou eu comparado com Monteiro? Julgae.» Continuou elle entregando-me alguns versos manuscriptos d'este autor, de que os portuguezes são vehementes partidarios; postoque façam impressão, e sejam sonoros, devo confessar que o soneto do Camões e muitos dos proprios versos do sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; todavia é certo que eu não estou bastante iniciado na força e formas da linguagem portugueza para ser júiz competente.

O nosso jantar foi alegre e de bons convivas; á sobremesa o abbade apresentou uma immensa bandeja de fructas seccas e doces, que um dos seus cento e cincoenta protegidos lhe mandou, não me lembra de que exotica região. Todas estas iguarias elle reservava para nos mandar, querendo quasi empurrar-as por nossa goela abaixo, como se fossemos perús e elle gallinheiro, cujo modo de vida dependesse de nos cevar bem. — «Já vistes (disse elle) em parte alguma tão admiraveis producções? A nossa rainha tem milhares de leguas de pomares, e rochas de ouro e diamantes; as riquezas e fertilidade de seus dominios não tem limites, e tambem o mar, o proprio mar deve pertencer-nos, se vos apraz, pois que temos immensos meios para construcção naval, mastros de duzentos pés de altura, madeiras incorruptiveis, corajosos marinheiros. D. Frederico vos pode contar as proezas de alguns de nossos heroes ainda não ha muito tempo contra os gentios em Goa: os vossos John Bulls não são metade tão activos nem metade tão valorosos.»

E assim foi por diante blazonando e ensurdecendo-nos. Em patrioticas jactancias e gabos nenhuma nação leva a melhor aos portuguezes, e nenhum portuguez ao abbade.

Atinal, evaporados estes louvores e gosos, partimos equilibrados nas azas da santidade a satisfazer nossa obrigação para com os corvos bentos. Desde tempo immemorial está consignada certa quantia para manutença de dois passaros d'aquella especie, e os achámos commodamente aquartelados n'um esconderijo da claustra adjacente á cathedral, bem nutridos, e de certo mui devotamente venerados.

A origem d'esta singular costumeira remonta ao tempo de S. Vicente, que foi martyrisado junto ao Cabo que tem o seu nome, e cujo corpo mutilado foi conduzido a Lisboa n'um baixel, acompanhado pelos corvos; e os seus algozes foram perseguidos por estas aves, que abandonaram d'esta vez seus naturaes instinctos, e investiram aquelles com estridentes gritos, ti-

rando-lhe os olhos as bicadas (*). O navio e os corvos acham-se figurados ou esculpidos em todos os angulos da cathedral, e n'algumas laminas representam como brasão e perenne memoria de sua agudeza em descobrir os criminosos.

Já era tarde quando nós chegámos, e os plumosos santificados se tinham empoleirado tranquillamente; mas, os sachristães á espreita de que chegassemos, assim que nos viram, officiosamente os fizeram levantar. Como estãvam nutridos, nedios, e lustrosos! A minha admiração por seu tamanho, plumagem, e retumbantes grasnidos, receio eu que me fez passar os limites do sagrado decoro: quando estendia a mão para afagar-lhes as pennas, o missionario reprimiu-me com um solemne olhar prohibitivo. Os mais da companhia, sabedores do ceremonial proprio, guardavam respeitosa distancia, em quanto o sachristão e um padre desdentado, curvo pelos annos, enfiavam um rosario de milagrosas anedotas concernentes aos actuaes corvos bentos, os seus immediatos antecessores, e outros que em tempos remotos os precederam.

A todas estas sobrenaturaes narrações parecia o missionario estar attento com implicita fé, e nunca abriu os beiços em quanto nos demoramos na claustra senão para fortalecer a nossa veneração, e exclamar com pia compostura «*honrado corvo!*» Creio que estaríamos até a meia noite, se não viesse um pagem de sua magestade chamar o marquez de M... e o seu capellão.

Satisfeita a minha curiosidade pelo que tocava aos corvos bentos, facilmente me persuadiu o grão-prior a retirar-me e passear as ruas principaes para ver as luminarias por festejo do parto da infanta consorte de D. Gabriel de Hespanha, que deu á luz um principe. Era grande a multidão de ociosos que vagueavam pelos mesmos sitios e por isso andavamos com difficuldade, e por pouco estive que não saltassem fora as rodas da nossa carruagem quando tentou abrir caminho um anachronico e arrevezado coche, pertencente a uma dignidade da sé patriarchal. Não tenho de que espraçar-me em louvores a respeito das illuminações; mas, alguns foguetes deitados do Terreiro do Paço causaram-me admiração pela altura a que subiram, e o extraordinario numero de transparentes estrellas azues que espargiram. Os portuguezes primam nos fogos de artificio, tendo gasto muito e muito dinheiro em levar á perfeição esta arte o fallecido, baboso, e beato monarcha.

Do Terreiro do Paço fomos á grande praça onde está o palacio da inquisição; ahí achámos immensa multidão, á qual tres ou quatro pregadores capuchos apregoavam as glorias e illuminações do outro e melhor mundo. Teria prestado alguma attenção aos seus discursos, que pelas amostras que conheço seriam repassados de fogo e phrenesi, se o grão-prior com seu perpetuo medo de rheumatismo se não queixasse

(*). O A. aqui (como em outras coisas) falseia a tradição ou foi mal informado.

do ar da noite; e por isso recolhemos a casa. Todos os aposentos estavam mornos com a evaporação das luzes de cera, que em boa fé se podiam chamar lavaredas; enfadado sacudi a fumaça e abri as janellas. Saindo o grão-prior, veio Polycarpo, o famoso tenor, que nos entreteve com algumas arias de vigor e pasmosa volubilidadade antes da ceia, e durante ella em estylo egualmente professional com muitas anecdotás particulares da alta nobreza, e os principaes empregados, que de certo não lhes eram favoraveis. Tive tentações de estender o guardanapo sobre as aventuras dos corvos sagrados, mas a prudencia reteve o desejo; e assentaria mal a uma pessoa tão bem tratada pelos que os gaba-vam, trazer a terreiro similhantes assumptos com leviandade. M.

A CAUSA PORQUE OS MALVADOS ABORRECEM OS VIRTUOSOS.

Quando os homens viciosos chegam ao tempo da reflexão e do conhecimento de si mesmos; quando, procurando dentro em si, não encontram senão a tendencia para o bem estar pessoal; quando não teem o menor desejo de achar e de adquirir outra coisa, lançam os olhos sobre os entes da sua especie, e julgam observar que também n'elles não ha nada mais elevado do que esta mesma inclinação. Então firmam-se na idéa de que é essa a verdadeira essencia do homem, e desinvolem em si esta essencia no mais alto grau por assiduo trabalho. Assim, tornam-se elles, aos seus proprios olhos, os homens mais distinctos e superiores, porque teem a consciencia de possuirem em si a virtualidade do verdadeiro valor do homem. Durante a sua vida, teem pensado e obrado assim. Mas se se tivessem enganado n'estas premissas do seu syllogismo; se em outros entes da sua especie apparecesse alguma outra coisa, incontestavelmente mais elevada e mais divina que a simples propensão para o bem estar pessoal, elles, que se haviam julgado até então os homens eminentes, seriam entes d'uma especie inferior, e em vez de se suporem acima de todos, como tinham feito até então, seriam desde logo obrigados a abater-se e desprezar-se. Não podem pois fazer nada melhor do que atacar com furor a opinião de que alguma coisa ha mais nobre no homem, e todas as apparencias que podem dar-lhe algum fundamento. É preciso que elles façam o possível para afastar e abafar estas apparencias. Pugnam pela sua vida, pela causa mais intima e mais profunda da sua vida; trabalham para a possibilidade de se tolerarem a si mesmos. O fanatismo e todos os seus furores, desde o principio do mundo, saíram d'este unico principio: *Se os meus adversarios tivessem razão, eu seria um perverso.* Se o fanatismo puder apoderar-se do fogo e do ferro, atacará o seu inimigo com o fogo e o ferro; se não puder, servir-se-ha da

lingua, que, sem matar o adversario, lhe paralyza comtudo poderosamente a energia e a acção. Um dos enganos predilectos que a sua lingua põe a maior parte das vezes em pratica, consiste em dar um nome geralmente odioso ao que o não é senão aos fanaticos e perversos, afim de desacreditá-lo e torná-lo suspeito. O thesouro de reserva d'estes enganos e denominações é inesgotavel, augmenta continuamente, e não é possível avalial-o.

SAUDADE.

Que eu não queria de ti mais que adorar-te,
Viver de ti, morrer n'esta illusão.

Saudade, que me docs, não fujas, crava
O teu pungente espinho sem piedade:
Grava em meu coração, ó deusa, grava
Os bellos quadros da florida idade:
Eu quero padecer. D'est'alma trava;
Assombra-a de tristezas, ó saudade.
Cala-me os hymnos do fallaz futuro:
Traz-me o passado, e aquelle amor tão puro.

Aquelle amor. . . Não podem já dizel-o
Labios afeitos a mentir amores;
Recorda o coração o quadro bello.
Mas não podem pintal-o falsas côres.
A phrase é falsa, é vã, é vão desvelo
Querer d'arido peito baurir verdores.
Não sinto, não, por mais que o seio abra,
Ungir-me a fé a juvenil palavra.

Comigo estás, mulher, sempre comigo:
Em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume:
Brilha o sorriso no teu rosto amigo,
Ferem teus olhos da paixão o lume.
Não acha em nosso peito infausto abrigo
O Lucifer maldito do ciume:
Em sonhos, és, qual foste, o dom extremo,
Que dispensa, na terra, o SER SUPREMO.

E pude-te perder, thesouro immenso,
Apoz tamanha luta de incerteza!
E pude arrefecer o fogo intenso.
Fundindo n'elle a unica riqueza,
Que n'este mundo tinha. . . Ai! quando penso,
Que, n'este amor, senti mais que avareza,
Como Job na penuria transformado,
Suspeito que o SENHOR me ha castigado.

Recorda-te. Era o sol no occidente,
Beijavam-te seus raios moribundos.
Eramos dois, uma só alma ardente,
Voando d'este mundo a novos mundos.
O labio estava mudo; mas vehemente
Orava o coração: ambos jucundos,
Anhelantes d'amor, n'esse transporte,
Talvez a DEUS pedissemos a morte.

Pedimos, sim : tal foi nossa ventura
Que logo ali nos excrucia o medo
Do breve instante que a bonança dura
N'este de prantos misero degredo.
Um nefasto presagio nos augura
A nossa doce crença a morte cedo :
Nos extremos da dôr, ou da alegria,
Pede-se a campa como a eu pedia.

Por que te amei eu tanto, se era crime
Que o meu amor egoista e delirante
Calcasse a impia lei que te reprime
Pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem n'essa fronte imprime
De serva humilde o stygma aviltante,
Por que fui eu, em louco amor acceso,
Fazer-te dos grilhões sentir o peso?

Querida, o teu viver era um lethargo ;
Nenhuma aspiração te atormentava ;
Afeita já do jugo ao duro cargo
Teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
De novas sensações ; teu peito anciava
Ouvindo-me contar entre caricias
Do «livre» e ardente amor tantas delicias.

Não te mentia, não. Sentiste-o, filha,
Esse amor infinito e immaculado,
Estrella maga, que, incessante brilha,
Da alma pura ao casto amor sagrado ;
Affecto nobre, que jámais partilha
O coração de vicios ulcerado.
Não sentes, nem recordas já, sequer?
Quem d'este amor te despenhou, mulher?!

Eu não ! Se muitos crimes me desluzem,
Se pôde trasviar-me o seu encanto,
Ao menos, uma só não me recusem,
Uma virtude só : amar-te tanto.
Embora injurias contra mim se cruzem,
Cuspindo insultos n'este amor tão santo,
Diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
O opprobrio aviltador da sociedade.

Eu disse-te : «Este amor não te condemna,
Perante DEUS, perante a consciencia ;
Podes o mundo encarar serena,
Qual virgem soberana de innocencia,
O remorso cruel não te envenena
O sentimento d'esta «eterna ausencia» ;
Se, porventura, de ti fôr olhado
Não volverás o rosto envergonhado.»

Não é verdade, pois, irmã querida,
Que não houve mulher mais adorada ?
Escuta o coração : viste na vida
Consagrar-se afeição mais recatada ?
Conheces que jámais foste trahida,
Nem podes ser com outra confrontada ?
Sabes o que é amor profundo e eterno,
Que foi meu ceo, e me é hoje inferno ?

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



BAMPFYLDE MOORE CAREW

REI DOS GYPCIOS OU BOHEMIOS.

Este homem nasceu em 1693, em Bickley, no Devonshire. Era filho do reitor da parochia : sua familia, antiga e respeitavel. O seu baptismo foi uma solemnidade notavel no paiz : toda a nobreza dos arredores tomou por dever assistir a elle.

Na idade de doze annos, foi mandado a escola de Tiverton, onde travou amizade com muitos jovens fidalgos do Devonshire e dos condados visinhos. Durante os primeiros quatro annos dos estudos, distinguio-se por sua applicação. Podia-se esperar que viesse a ser homem virtuoso e de merito superior ; não era porem esse o seu destino. Tendo-se de repente apaixonado pela caça, entregou-se-lhe com tal ardor, em companhia de tres de seus condiscipulos, que começou depressa a descuidar-se dos seus trabalhos escolares e arriscou-se em muitas empresas más.

Um dia, os quatro estudantes fizeram consideravel estrago em uma seara ; os reideiros foram queixar-se ao director de Tiverton. Carew e seus amigos, para fugirem ás consequencias da sua loucura, commetteram outra maior : uniram-se a um bando de dezoito bohemios e bohemias que passava, e desapareceram com elles.

Carew fez-se em breve notar pela sua rara habilidade em todo o genero de destreza e gatinice, unicos meios de vida d'estes vagabundos. Entretanto a familia, ignorando tudo, deplorava a sua perda, e, para descobri-lo, fizera publicar um aviso que chegou ao seu conhecimento. Mudou então de vestuario, veio ver seus paes, sendo recebido com transportes de ternura ; mas elle costumara-se ás agitações d'uma vida infame e criminosa entre os bohemios, e depressa abandonou outra vez a casa paterna. Começou desde então a zombar da credulidade publica e a exploral-a com o auxilio de diversos disfarces. Uma vez, representava um pobre marinheiro victima de naufragio ; outra vez, um reideiro da ilha de Sheppey, no condado de Kent, empobrecido pelas inundações. Em Newcastle, apre-

sentou-se como patrão d'um navio, raptou a filha do boticario mais rico da cidade, e foi casar-se com ella em Bath. Teve então a audacia de visitar um de seus tios, homem muito respeitado em Dorchester. Em seguida, disfarçou-se em ecclesiastico, dizendo ter muito tempo preenchido as funcções do seu ministerio em Aberystwith, no paiz de Galles; «mas, dizia elle, não quizera prestar o juramento exigido pelo novo governo.» O seu porte digno e piedoso, o interesse da sua conversação, faziam-no admittir nas melhores casas e viver abundantemente á custa do publico.

Por este tempo, o naufragio d'um navio, que devia transportar os quakers a Philadelphia, produziu grande sensação em Inglaterra. Carew aproveitou esta circumstancia, mudou de traje, e, apresentando-se aos quakers como um dos raros individuos escapos ao desastre, arrancou-lhes, por algum tempo, dinheiro e lagrimas. O rei dos bohemios d'Inglaterra, Clause Patch, muito edoso n'esta epoca, quiz vê-lo, e teve com elle frequentes conferencias. Carew aprazia-se em interromper de tempos a tempos a corrente de suas fraudes para se confundir com as pessoas de bem, e ter parte nos seus prazeres, sem commetter delicto algum. Introduziu-se assim em casa do coronel Strangewasy, em Melbury, e acompanhou-o muitas vezes á caça.

Certo dia, fallou-se de Carew e dos seus celebres disfarces. O coronel propoz apostar que nunca seria logrado por semelhante homem. Carew apostou; e uma manhã veio, vestido de mendigo, á porta do coronel. Elle parecia tão velho, tão doente; chorava e queixava-se de modo tão pathetico, que os criados imploraram para elle a caridade de seu amo. O coronel desceu, e, depois de ter conversado com o mendigo, sentiu-se tão commovido, que lhe deu meia corôa. Na tarde d'esse dia, Carew, elegantemente vestido, e jantando com o coronel, tirou da algibeira a meia corôa, e deu-se a conhecer.

Como é que pessoas de bem não tomaram como um dever entregar este miseravel á justiça em vez de se admirarem e rirem das suas astucias? É o que difficilmente se comprehende hoje.

Por morte de Clause Patch, os bohemios dos tres reinos elegeram Carew para seu rei. A eleição foi conhecida de todo o mundo, e é ainda objecto de surpresa. Este supremo grau do vicio e do crime teve para Carew todo o encanto que tem para outros as verdadeiras corôas que os povos dão ou permitem que se aceitem. Seus parentes, e amigos, rogaram-lhe que abandonasse a realza, offerecendo-se para assegurar-lhe uma fortuna: elle recusou, e começou a desinvolver tal variedade de velhacadas, que a historia d'ellas desde então, encheu tres quartos d'um volume que foi muito tempo popular.

Nota-se como singularidade que este homem tomasse grande affecto a um pequeno cão, e o trouxesse d'ordinario nos braços, muitas vezes mesmo quando podia ser um perigo para elle.

Carew morreu em 1770, com setenta e sete annos de idade.

INDUSTRIA FABRIL.

MEIAS.

São mui notaveis e dignos de uso geral os novos teares para manufacturar muitas meias ao mesmo tempo, aperfeiçoados por mr. Brocard (Joseph Nicolas), de Troyes (Aude), que para elles obteve privilegio d'invenção.

Aquelles aperfeiçoamentos consistem n'uma disposição particular, que permite fabricar no mesmo tear as dimensões da barriga da perna, do calcanhar, e da biqueira; ao passo que até agora se era obrigado, depois de feita a barriga da perna, a transportar a meia, ainda não acabada, a outros teares, dispostos especialmente para operar a diminuição dos calcanhares e das biqueiras, o que occasionava perda de tempo e de mão de obra, e por consequencia augmento de despeza, que é preciso evitar.

Em primeiro logar mr. Brocard modificou a disposição do logar do governo do tear, com o fim de tornar a acção não só mais commoda, mas tambem mais facil.

Tudo o mais assenta n'um novo systema de barras moveis.

Cada uma das disposições da barra se compõe d'uma barra susceptivel de se aproximar ou afastar dos encaixes, sobre os quaes correm longitudinalmente outras barras mais pequenas, andando em sentido inverso uma da outra, e levando os ponteiros.

Estas barras são movidas ou por conchas, ou por hastes dentadas, ou pelo mechanismo *Delarothiere*, etc.

O governo do tear tem logar pelo meio d'uma haste em cotovello, que sustenta uma roldana fixa, e uma roldana movel, assim como um rolante; mas que se pode mover á mão, e para este fim, em logar de fixar sobre esta parte as conchas suscitando os diversos movimentos do tear, a primeira haste ou barra tem duas curvas, e na sua extremidade uma roda fixa, que move por outra roda uma haste de conchas.

A barra de duas curvas permite ao operario parar ou pôr em movimento o tear em todas as posições. Além de commodidade ha economia de tempo sempre que o operario pode parar o tear ou movel-o, sem ser obrigado a vir ao meio d'elle, como precedentemente. A haste de conchas annexa, é uma addição necessaria, depois da suppressão do exercicio das conchas sobre a haste curva.

Não descreveremos a marcha das platinas e dos orgãos, que formam a malha; observaremos unicamente, que a nova disposição permite ao tear ser mais conjunto, menos incommodo, e ás differentes peças funcționarem no interior d'elle.

As alavancas curvas, que faziam parte do

mecanismo da diminuição, foram substituídas por barras moveis de diminuição. A parte superior do tear tem, como ordinariamente, uma barra ou porta-fusos, que é carregada de fusos, que fornecem o fio necessario á formação da perna e da palmilha. O tear contém mais (e isto constitue uma innovação mui importante) uma segunda barra ou porta-fusos, sobre a qual estão montados os fusos, que servem á confecção dos calcanhares e biqueiras, como se verá pela sequencia d'esta descripção. O numero d'estes ultimos é duplo do dos precedentes. Diante de cada uma d'estas duas ordens está um guia porta-fio.

Para a formação dos calcanhares n'este mesmo tear, juntou mr. Brocard ao antigo systema: 1.º um porta-fusos superior, e um dos guias-fios, de que se acaba de fallar; 2.º um porta conductor de fios, que distribue o fio dos fusos de uma das barras para a formação da perna e da palmilha; 3.º reguladores do movimento para a confecção dos calcanhares — reguladores que consistem em uma chapa, fazendo de mola, e apoiando-se sobre a barra, que n'estes logares forma hastes dentadas, cujo numero no novo tear é de duas.

Uma das barras com conductores quando está em descañso, e são os outros conductores que trabalham para a formação da perna ou da palmilha, colloca-se sobre ganchos situados em qualquer ponto conveniente do tear. Quando porém é chegada a vez d'essa barra funcionar, põe-se parallelamente a outra, com a qual se torna solidaria por meio de ganchos. O movimento então é regulado por uns reguladores proprios, ou peças de molas.

A barra de ponteiros, que até aqui era movei, isto é, que se tirava do tear quando não servia, para depois a reporem, o que occasionava mui grandes perdas de tempo, está agora collocada permanentemente no tear, sustentada por meio de columnas por uma haste quadrada, que é tambem armada em almofadas. Esta barra, além d'isso, é munida de mais uma alavanca, por meio da qual a fazem manobrar, isto é, aproximar ou afastar os ponteiros dos encaixes. Uma barra com ponteiros serve para as diminuições; e esses ponteiros chegam-se ou afastam-se um do outro por meio de conchas graduadas na circunferencia.

Para fazer os calcanhares usa-se da barra que distribue o fio. Um gancho produz sobre ella o mesmo effeito que já outro produzia sobre a outra barra dos outros conductores; isto é, retém-na suspensa em quanto a malha se forma.

Para a formação das biqueiras utiliza-se a mesma barra de ponteiros, acrescentando-se-lhes outros, tendo um numero de agulhas illimitado, para lh'os poder applicar, conservando as agulhas que já existiam, e que, como já dissemos, servem a fazer as diminuições da perna e do calcanhar, assim como as barras moveis em que estão fixados estes ponteiros.

Todos elles, para que se não embaracem uns aos outros, são partidos e munidos cada um de uma charneira, que permite dobral-os ou endireital-os á vontade.

As conchas são montadas sobre uma haste, que tem uma roda dentada que faz o officio de roda de roquete, nos dois sentidos. Uma alavanca oscilla sobre a barra por meio d'uma haste, que o operario faz andar por meio de uma pega, e cuja carreira, quer n'um quer n'outro sentido, é limitada por umas golas. A extremidade superior d'esta haste tem duas taramelas, trabalhando uma para a esquerda, outra para a direita: cada uma d'ellas em lugar de cair livremente sobre os dentes da roda, é presa a uma pequena cadêa na extremidade da alavanca, que é sufficientemente grande e tem bastante alcance para dar impulso ás cadêas, que devem desprender as taramelas, em caso de necessidade.

Resulta de tal disposição, que, conforme esta ultima oscillar da sua posição do meio para a direita ou para a esquerda, assim fará andar a roda n'um ou n'outro sentido (estando parada a taramela opposta) e os ponteiros se aproximarão ou afastarão, por effeito das conchas, e das molas que tendem a attrahil-as, de modo que se pode diminuir ou augmentar.

A addição dos ponteiros para fazer as biqueiras obriga a augmentar as divisões das conchas que servem a fazer as diminuições, ou mates, da barriga da perna e do calcanhar. Para as diminuições das biqueiras pode-se substituir a barra acima, por outra dentada e de pinhos que preenche o mesmo fim, e cujos pontos d'apoio são dispostos como os da primeira barra. Esta disposição supprime naturalmente as conchas.

A pega do meio existe sempre. Assim estas hastes dentadas, movendo-se em sentido contrario, aproximarão ou afastarão os ponteiros um do outro.

Podia-se ainda chegar ao mesmo resultado applicando ao novo tear o mecanismo *Delarothiere*? ou pouco mais ou menos outro semelhante, cuja função, tal como a applicaram aos teares ordinarios, é bem conhecida.

Em resumo, os aperfeiçoamentos que mr. Brocard acaba de introduzir nos teares de meias, são os seguintes:

1.º Formação, por meios mecanicos, das pernas, calcanhares, e biqueiras, n'um mesmo tear.

2.º Disposição, para este fim, de duas barras de distribuidores, ou conductores de fio, das quaes uma não trabalha senão para os calcanhares, em quanto a outra trabalha para a perna, para um dos dois fios do calcanhar, e para a biqueira.

3.º Disposição de novas barras de ponteiros, com ponteiros de diminuição necesarios ás pernas, aos calcanhares, e ás biqueiras, para fabricar muitas meias ao mesmo tempo, n'um mesmo tear.

4.º Disposição de novos ponteiros de char-

neiras, que permitem recolher os ponteiros, que não devem funcionar em quanto os outros trabalham.

5.º Novos meios mechanicos para governar os conductores e as barras de diminuição, ou por conchas, ou por hastes dentadas, ou pelo mecanismo *Delarothiere*, applicado á formação simultanea de muitas meias.

A CERCA INCULTA.

John Thelwall pretendia, em uma conversação com Coleridge, que se não deve procurar inspirar nenhuma opinião na alma das creanças antes da idade da prudencia, idade em que elles proprios podem discutir as idéas, e adoptal-as ou rejeital-as com conhecimento de causa. Sempre conversando, Coleridge o levou a uma pequena cêrca inculta no lado posterior da casa.

— Eis o meu jardim, lhe disse elle.

— O vosso jardim, exclamou Thelwall, está todo coberto de silvas e hervas!

— É verdade, replicou Coleridge, mas é porque elle não chegou ainda á idade da prudencia. Tem sido do agrado do terreno deixar-se cobrir de hervas; não tenho culpa; talvez em alguns annos lhe convenha preferir as flores e os fructos. Não quero impor-lhe um jardineiro.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCV

De como vieram as galés e caravelas do Fayal, e se foram.

Cuido que a dez dias, ou onze, do mez de Agosto, chegaram as galés e caravelas da ilha do Fayal, e bem cheias de fato e fazendas que se saquearam na ditta ilha, e nella deixaram duas ou tres companhias de presidio. E depois de chegadas ordenou o marquez de as mandar, antes que se mettesse o inverno; e nellas mandou alguns clerigos e frades presos, enviados a sua magestade, e na capitania ia o doutor mestre Agostinho, que era presidente da Mesa da Consciencia, e assim o licenceado frei Manuel Marques, frade da ordem do serafico padre S. Francisco, e commissario destas ilhas. E as galés deram á vela com vento noroeste quieto, e com elle foram té á costa, onde se espalharam as galés, e as estava esperando um arrenegado por nome Moratrotray, e tomou duas, a capitania e outra, onde tomou os dois padres e os levou a terra de mouros. Dizem que o licenceado padre frei Manuel Marques, que viveu lá pouco tempo, e que era captivo, e que pregava aos

mouros, e que fizera muito fructo. O mesmo fazia o doutor mestre Agostinho, o qual foi resgatado, e dizem que estava em França em Bordes. Já se não falla nelle, porque ambos eram homens de perto de sessenta annos. As oito galés foram a salvamento, e com muitos despojos do saque que se deu nesta ilha Terceira, e ilha do Fayal.

XCVI

Do que succedeu ao desgraçado doutor Gaspar de Gambaya.

Tanto que se entrou a terra, vinha na armada Christovam Soares d'Albergaria, que tinha servido de juiz de fóra na ilha de S. Miguel, e vinha para ser corregedor n'esta ilha, e nas demais. E da ilha de S. Miguel se embarcou com o marquez para esta, e estando em terra conheceu o ditto Gaspar de Gambaya por serem ambos de um tempo, e do estudo, e fizeram muita festa um ao outro, e vieram caminhando para a cidade, e em parelhando ambos defronte da casa donde pousava o ditto Gaspar de Gambaya, que eram as casas de Francisco Vaz Chama, dice Gaspar de Gambaya a Christovam Soares: *Eu aqui morava, e quero entrar, porque os soldados que estão nas casas dar-selles-ha pouco dos livros, e tenho alguns bons, de que v. m. pode servir-se.* E nisto entrou, e Christovam Soares ficou na rua. Os soldados que lá estavam acharam em como elle era corregedor e desembargador, e elle em entrando lhes dice, que era o que pousava naquellas casas. Não quiseram elles mais: prenderam-no e levaram-no logo ante o marquez. Não lhe pode valer Christovam Soares, que se o ditto Gaspar de Gambaya levava alli algum dinheiro que os peitara escapara. O marquez o mandou metter em uma gale onde esteve alguns dias, e depois o mandou vir para a cadeia, que já estava com menos gente, e o pobre homem era estrangeiro, não teve quem sobre elle andasse, nem fizesse, que todos se arredavam e fugiam. Quando um dia pela manhã lhe mandaram que se confessasse e lhe mandaram os padres, e depois de confessado o tiraram e enforcaram ao longo da cadeia, e o algoz o desprio de todo, que té os sapatos lhe tirou dos pés, e o deixou em camisa, e com umas meias verdes nas pernas, velhas, e lhe tirou as de cima; e assim esteve na forca todo o dia, té o outro pela manhã, que o enterraram.

Continua.

Edificam-se casas para viver no seu interior e não para as contemplar por fora; porque é preciso que a commodidade seja preferida á symetria, salvo podendo ter-se ambas. As curiosidades superfluas que ahí se empregam para tornal-as agradaveis á vista, só são boas para os palacios encantados dos poetas, que os constroem com pouco trabalho. — Bacon.